

Sandra Regina de Alencastro Lima

*Diário
da Tradição
Gaúcha*



pragmatha

Sandra Regina de
Alencastro Lima

*Diário
da Tradição
Gaúcha*

São Paulo
Pragmatha
2023

Pragmatha Editora
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze
Identidade Visual: Pragmatha
Copyright: Da Autora

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial
sem a expressa autorização.

Dados Internacionais de Catalogação

L732d Lima, Sandra Regina de Alencastro.
Diário da tradição gaúcha / Sandra Regina de Alencastro
Lima. – São Paulo: Pragmatha, 2023.

-- p. : il. color. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-8434-134-4

1.Gaúchos – Rio Grande do Sul – Identidade étnica. 2.Rio Grande do Sul – Usos e costumes. 3.Patrimônio cultural – Rio Grande do Sul. 4.Gaúchos – Identidade étnica. I.Título.

CDU 316.347(816.5)

CDD 305.80098165

Catálogo na publicação:

Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252



Sumário

[Sobre a autora / 05](#)

[Introdução / 08](#)

[O diário da identidade gaúcha / 11](#)

[As brincadeiras / 17](#)

[Naqueles tempos, sim, naqueles
tempos / 27](#)





Eu sou a Sandra, mulher gaúcha que ama as coisas do seu chão, da sua querência, a tradição gaúcha. Filha da D. Marina, uruguaia de Rivera e do seu Uilber, nascido na localidade chamada Galpões, em Sant'Ana do Livramento.

Na minha família sempre tive muito claras as manifestações tradicionais: costumes ligados às tradições dos homens do campo, da fronteira, de mulheres que se reuniam pro mate doce, que cuidavam da casa, dos filhos e de si nos moldes de sua época...

Sou casada com o Cláudio, mãe da Fernanda e da Luiza, moradora de Cacequi - região central do Rio Grande do Sul.





Na nossa casa temos costumes que misturam minha história com a do Cláudio, que traz a cultura dos imigrantes italianos em muitos gestos e comportamentos. Nossas filhas cresceram em contato com o mundo rural, com as pequenas e as “grandes cidades”, com as tecnologias mais antigas e as mais atuais, com as histórias dos avós, com os pais dançando as danças tradicionais gaúchas, fazendo parte de entidade tradicionalista e do tradicionalismo em si, participando junto conosco. Mas o mais importante da cultura gaúcha elas têm dentro da realidade de nossa casa. Conhecem nesse ambiente o “portunhol” e o “gringuês”; comemos um bom churrasco, um belo carreteiro de charque, um puchero, um arroz com pêssego ou um arroz com leite como sobremesa; um risoto de gringo, uma sopa de agnolini... Dançamos uma vanera, um chamamé e também arriscamos coreografar “La Bela Polenta”. Muito poderia ser citado... Temos valores





fortes de honestidade, lealdade,
amor, respeito... Honramos nossos
ancestrais nas contribuições que nos
deixaram...

Sou apaixonada pelas tradições,
dançarina de danças tradicionais
gaúcha, prenda...

Nesse contexto nasceu uma
escritora, a autora do *Meu Dançar* e
do *Diário da Identidade Gaúcha*.

Meu querido diário que guardará
com carinho registros de uma
identidade que mais do que em
objetos, está em nas nossas ações,
no sentido de cada costume e
principalmente em nossas emoções.

Para o futuro, com carinho

Sandra Regina de Alencastro Lima





Introdução

Este livro virtual interativo tem como objetivo registrar alguns aspectos da cultura gaúcha de forma simples, clara, direta e em um formato que possa trabalhar os sentidos de quem lê, que possa “sentir o que foi escrito”.

É um trabalho que busca informações nas pessoas mais velhas, em suas vivências, e que traz a prática da tradição gaúcha, de pessoas mais novas que a vivenciaram com seus pais e hoje ensinam a seus filhos e de jovens que vivenciam costumes e os cultuam dentro ou fora de entidades tradicionalistas. É uma busca realizada em um tempo mais próximo e mais perceptível para estas gerações.





A geração atual não tem ou tem pouco acesso a registros do que e de como viveram seus ancestrais, bisavós, avós... Não visualizam em sua vida diária os costumes que passaram por gerações e que, talvez modificados pelas mudanças sociais e pela tecnologia, não sejam claros, perceptíveis. Esses costumes estão vivos no cotidiano e, mesmo que modificados, são parte das vivências atuais, porém a essência de cada um deles nem sempre está explícita ou foi ensinada. É apenas um hábito.

A história do nosso povo, com seus erros e acertos, a cultura criada por nossos ancestrais com suas experiências, em sua época, foi balizada por valores muito fortes, pela moral rígida, pelas necessidades e nas possibilidades que tinham no contexto em que viviam, na observação da natureza, nas conversas em família e nos galpões, na observação dos mais velhos que eram o exemplo para a vida.





E assim viviam, tinham seus sonhos, seus objetivos e do seu jeito lutavam por eles. Sonhos e objetivos que hoje nos parecem estranhos, mas que possibilitaram que chegássemos até aqui, dando base ao que somos e temos.

A redescoberta dessa essência é o que busco registrar nesta obra para que tenhamos mais avanços morais e tecnológicos sem perder raízes. A cultura norteia um povo, dá a ele identidade, um “ter para onde ir” quando o mundo parece girar rápido demais e nos desequilibramos nas escolhas. Ter essência, raízes, valores nos dá base para escolher entre o que serve e o que não serve para nossa evolução, em qualquer tempo.

Sandra Regina de Alencastro Lima
Autora





O diário da identidade gaúcha

“Meu querido diário...”

Assim começavam os registros das meninas-moças desta terra em tempos que já foram e que muitos não vivenciaram. Tempos em que a comunicação era diferente, sem a tecnologia que hoje nos parece tão natural, na qual somos inseridos ao nascer.

Naqueles tempos as notícias vinham a cavalo num chasque, pelo rádio, pelas escassas visitas que vinham de longe, “do povo” ou da capital...

Ideias, sonhos, fatos eram registrados em papéis. Documentos eram firmados com fios de bigodes ou assinados com canetas que funcionavam com tinteiros.





As meninas-moças registravam o que lhes acontecia e o que sonhavam em pequenos diários fechados a chave e bem escondidos dos olhos alheios. Havia um código de ética natural que não permitia mexer nele, a não ser se a maldade tomasse conta de algum interesseiro ou se os pais percebessem grandes mudanças comportamentais na menina e o segredo para tal poderia estar registrado nele.

Tantas coisas aconteciam nesse tempo, muita coisa não foi registrada, muitos diários se perderam fechados, muitos chasques não foram passados adiante, muitas notícias permaneceram nas ondas do rádio: não havia como gravá-las. A maioria das coisas da vida desses tempos era passada de “pai pra filho” nas conversas, nas vivências, na observação, pelo exemplo.





Mas a maior parte das coisas desses tempos se modificaram com os avanços tecnológicos e com as mudanças sociais, costumes desses tempos ainda estão nas nossas vidas, mas não mais os reconhecemos pois estão inseridos em novos hábitos e aspectos.

Existem muitas pesquisas sobre a origem e a cultura deste povo, seus costumes, seus polos irradiadores... Cabe agora registrar um passado recente de nossa tradição; se faz necessário para que não percamos nossas raízes, para que não deixemos nossa essência apenas subentendida em novos hábitos sem que possamos ter ela como suporte, como o que sempre norteou homens e mulheres desta terra.

Registremos o que é nosso, para que não nos esqueçamos quem somos!





O exemplo: Parece que ser exemplo é algo tão subjetivo, imperceptível o momento em que isso “acontece”, o momento da aprendizagem. Mas a comunicação não verbal fala alto nesses momentos, na verdade ela grita! Um olhar, aquele olhar, o olhar do aprendiz escancara esse momento único da aprendizagem. No vídeo, o menino Gonçalo Leal Zago, filho de Alexandro Soccac Zago e Leticia de Lima Leal. Clique para assistir:





Participe do nosso fórum de discussão para construirmos juntos esse trabalho. Sobre o capítulo 01, acesse o link abaixo e compartilhe suas experiências cotidianas de tradição, aprendidas em casa.





Na noite de 06 de abril foi realizado o lançamento oficial da obra Diário da Tradição Gaúcha no programa Fala Aí Professor. A autora Sandra Regina de Alencastro Lima conversou com o apresentador Toni Pereira. O lançamento contou com as participações especiais dos convidados Cláudio Lima, Fernanda Lima e Luiza Lima (família), Marcileia Capitaneo (secretária da CBTG), Odila Savaris (Diretora social da CBTG), Nivaldo Rosa (escritor), Rodrigo Guterres e Sandra Veroneze (Pragmatha Editora).
Clique na imagem para assistir.





As brincadeiras

Tradição se transmite e se aprende desde pequeno no brincar, com os brinquedos e pelo exemplo. Só aprendemos o que é significativo e por esse motivo a brincadeira, os brinquedos e o exemplo dos mais velhos são fundamentais.

O brincar possibilita o desenvolvimento integral da criança, pois permite que ela se envolva afetivamente, socialmente, e opere mentalmente. Brincar permite a imaginação, constrói normas, cria alternativas, facilita a apreensão da realidade e, entre outras coisas, possibilita a representação/vivência de vários papéis, entre eles os de suas referências familiares e sociais. O brincar e os brinquedos possibilitam a apreensão do mundo, a essência das ações e dos fatos.





Nos tempos de nossos bisavós, avós e pais, a tecnologia da época e a dificuldade de acesso não permitiam variedade de brinquedos e nem brinquedos industrializados. Porém, o brincar e a criatividade eram ricos, espontâneos, permitiam desenvolver várias possibilidades e desafios reais, palpáveis, práticos para as crianças e de sonhos para o seu futuro.

As brincadeiras eram “coisa séria”! Se você fazia parte da brincadeira não podia sair no meio dela, deixar de fazer o seu papel na representação que ela permitia, pois prejudicaria todos que ali estavam vivendo aquele momento. Havia regras, ética, resoluções de problemas, compromisso no brincar.





Se estavam brincando de casinha, cada um tinha que cumprir sua parte na casa, na família. Se aquele que fazia o papel de pai, por exemplo, saísse da brincadeira (e geralmente os meninos cansavam mais rápido e queriam parar, brincar de outra coisa...) prejudicaria o enredo da vida familiar que estava representando. Se você estivesse brincando de lutas e fosse um soldado, sair no meio da guerra seria muito ruim para o pelotão... Nas brincadeiras de roda era preciso prestar atenção aos comandos, no pega-pega (brincar de mancha) era preciso estratégia para não ser pego...

A mãe dedicava tempo para a costura das roupas da boneca e ensinava a confeccioná-las, eram momentos de mãe e filha. O pai se envolvia na confecção da pandorga e ajudava a erguê-la, ensinava a usar o bodoque... Amigos, tios, avós se envolviam na confecção de brinquedos, no empréstimo de panelas, ferramentas, roupas, maquiagens...





Ao amanhecer, o primeiro pensamento era sobre o que brincar, sobre os compromissos feitos no dia anterior com os amigos, sobre hora, local, o que levar... Assim as crianças passavam o dia vivendo a realidade dentro do imaginário, sonhando e representando ser e só voltavam pra casa quando ouviam pela enésima vez o chamado da mãe e às vezes do pai.

Muitas vezes, as crianças que moravam na cidade, após um longo banho e o jantar, aproveitavam o momento dos pais, família e vizinhos sentarem à frente das casas para brincar mais um pouquinho. Sentavam junto com os pais, pediam para conversar com um amigo, aos poucos outros chegavam e de repente a brincadeira recomeçava. E lá se ia o banho demorado que a mãe dava ou supervisionava... Dormir, só depois de muitos pedidos de “só mais um





pouquinho, mãe”, junto com um
chorinho arrastado.

Tantos brinquedos, tantas
brincadeiras:

Jogo do osso

Cavalos de pau

Bonecas feitas de pano, palha de
milho, cordas...

Brincar de casinha com comidas
feitas de folhas, cascas de legumes...

Brincadeiras de roda, pega-pega...

Tantos sonhos, tanta liberdade
brincando de ser. Há tanta vida no
brincar!





Tropa de Osso - Uilber
Rodrigues de Alencastro -
Sant'Ana do Livramento - RS.
Clique sobre a imagem e
assista.





Tropa de plástico - Gonçalo
Leal Zago - Cacequi - RS.
Clique sobre a imagem e
assista.





Fazendinha virtual: Mudou a maneira de brincar com o que pertence ao meio rural. A tecnologia permite que se tenha ideia do que é o mundo rural, mas fica o questionamento se com esse tipo de brinquedo/brincadeira temos condições de sentir o que eles representavam para nossos bisavós, avós, pais... É um brinquedo colorido, com movimento, muitas imagens (nem sempre fiéis à realidade), com a possibilidade de criar histórias. Mas, a essência delas, qual é? Clique sobre a imagem para assistir:





“Tropa de osso”, de Eco & Bonitinho. Clique na imagem para assistir.





Participe do nosso fórum de discussão para construirmos juntos esse trabalho. Sobre o capítulo 02, acesse o link abaixo e compartilhe suas experiências cotidianas de tradição, no tocante às brincadeiras aprendidas em casa e que você ainda cultiva.





Naqueles tempos, sim, naqueles tempos

Clique na imagem para assistir ao vídeo:



*Herança- Aparício Silva Rillo
Declamação de Mariloy Terezinha Vieira Petry
Montenegro - RS*

Naqueles tempos... Tempos que a maioria de nós não viveu, não conheceu, mas tem dentro de si. Sente seus cheiros, imagina suas formas, se emociona com suas histórias, vivencia mesmo que sem perceber seus hábitos mesmo que transformados pela evolução.





A tradição é isso, a herança do que nos precedeu, é viver o que não viveu porque faz parte da construção de cada um, de cada família, da sociedade. Está entranhada em cada vivência, nos sotaques, nos hábitos, nas falas, nos gestos, na maneira de ser, na essência de nossa gente, de cada um de nós. Talvez mais que uma herança: um legado.

O que vemos, lemos e escutamos talvez seja estranho pois não nos parece comum, não faz parte do cenário urbano que vemos hoje e nem de todas as vivências e paisagens do meio rural atual. Nos parece estranho o funcionamento daquela sociedade, alguns dirão que é ultrapassada... Eu digo que cumpriu seu papel naqueles tempos.





Hoje tudo é diferente. Que bom!
É sinal que aquela organização social
deu certo e impulsionou o progresso,
que aquelas ideias se desenvolveram,
que os costumes se atualizaram
com as novas tecnologias e que se
modificaram os tempos...

Nestes tempos ainda ouvimos
o resposno, o murmúrio daqueles
tempos na essência de cada hábito
tradicional que repetimos mesmo
com roupagem nova, mesmo com
uma nova tecnologia, uma nova
estética.

Nestes tempos temos a essência
daqueles. E busquemos a resposta
para cada hábito repetindo: naqueles
tempos, sim.

Amanda da Rosa Rosado
Cacequi - RS





O tempo passa e as casas de que fala a poesia Herança permanecem no cenário das nossas cidades. Umas em sua estrutura e visual inicial, inseridas no meio de arquiteturas mais modernas, comércios, avenidas asfaltadas, semáforos, imperceptíveis no contexto apressado das cidades atuais.





Outras apenas a estrutura das fachadas foram preservadas e se destacam pela arte contemporânea que ostentam. Perceptíveis aos nossos olhos por suas cores e formas desenhadas.





Muitas vezes as pessoas entram e saem dessas casas pelo objetivo que elas têm hoje, que não é o acolhimento de famílias, mas comércio, serviços públicos. Percebem que são construções “velhas”, mas raramente percebem sua história e importância na construção dessas cidades e de sua sociedade. O mesmo acontece com os “retratos nas paredes” das nossas casas ou de nossos parentes. Nem sempre sabemos quem são aquelas pessoas e mesmo que saibamos, são apenas retratos antigos. Suas histórias, suas contribuições para o que somos, o que queremos ou o que não queremos ser não são conhecidas.

*Maria Luiza da Silva de
Zana e Homar Zana
Montaño – Rivera - UY*





Participe do nosso fórum de discussão para construirmos juntos esse trabalho. Sobre o capítulo 03, acesse o link abaixo e compartilhe suas lembranças sobre os velhos tempos. Acesse pelo QRCode abaixo ou pelo link <https://pragmatha.com.br/diario-da-tradicao-gaucha-naqueles-tempos/>





Querido diário!

Estava lendo novamente o texto que escrevi anteriormente e comecei a pensar nas casas de que a poesia fala e pensar nelas além de sua arquitetura, mas nas famílias que lá se formavam e viviam suas vidas, seus sonhos. Nas gerações que elas abrigaram e nos dias que ela abrigava, cheios de sensações, sons, movimentos, cheiros, texturas...

Lembrei do dia em que minha filha mais velha, morando longe de nós, ligou no domingo dizendo que estava com saudade e que conseguia sentir o cheiro do chimarrão que bebemos todos os domingos na sala. Tal era sua saudade que sua memória lhe trazia “o cheiro dos domingos de manhã” em casa.





Nos dias que correm soltos,
quando nem percebemos seus
detalhes, existem muitas ações, muitas
palavras e sensações que só nos
damos conta quando não as temos
mais no dia a dia.

As construções que chamamos
de casa abrigam lares, famílias e,
desde sempre, as famílias em suas
mais diversas formas são a base de
nossas vidas. Por isso guardamos em
nós a rotina com suas cores, cheiros,
texturas, gostos tradicionais, que se
repetem de geração em geração e dão
forma à tradição de um povo.

Querido diário, como eu gostaria
que tu sentisses os sons, os gostos, a
temperatura e percebesse as cores e
formas da nossa casa para entender
quem e como somos.

Quais serão as sensações dos lares
de quem ler este texto?





A “fumacinha” que sai do
chimarrão e das comidas, que
cheirinho terão?

Que cores iluminam os cômodos e
os móveis?

Que textura terão as cobertas no
inverno?

Como são os gostos das comidas
das avós?

E o som das vozes e risadas nas
casas, como ecoam em cada um?

E o cheiro da mãe, do pai e de cada
filho?

A hora de dormir, a hora de
comer, os dias de comer alguma
receita especial, a roupa que vestir
em alguma ocasião específica, a
música dos domingos de manhã com
a família reunida, as frases repetidas
pela mãe, os sons emitidos para se
comunicar com os animais no campo,
o cheiro da chuva molhando a terra...

Querido diário! A tradição das
casas com suas famílias moldam o
jeito de ser de um povo!

